

Dieu est mon droit

Maria do Rosário de Moraes Vaz

Foi funesto para os destinos imediatos da América e do mundo – num horizonte possivelmente mais largo que outros quatro anos – o dia 2 de Novembro. A fatal passagem para o campo republicano do New Mexico e do Iowa compensou, tudo o indica, o magro e solitário ganho democrata em território adverso, no New Hampshire, dado que as cores do mapa eleitoral de 2000 se não alteraram, como esperavam os democratas americanos e a generalidade do resto do mundo, nem no Ohio nem na Florida nem em mais lado nenhum. Para carregar mais o ambiente, Câmara e Senado «avermelham-se» nitidamente a maior benefício dos ultra-conservadores. A América está dividida em duas, por pouco a meio e também por pouco urbano contra rural, litoral *versus* interior – quase se pode ironizar que nela coexistem a potência continental e a potência marítima da velha gíria geopolítica. E dizem-nos que as chamadas questões «morais» – ou seja, atitudes perante temas que a generalidade dos europeus considera do foro íntimo e não como decisiva matéria eleitoral – determinaram em grande medida a infeliz escolha de muitos americanos, reforçando a ideia de que uns são donos do Bem, que têm o dever de dilatar, e outros não.

Convém sempre salientar o óbvio: a participação eleitoral aumentou fortemente, e a desastrosa política de Bush foi confirmada pelo voto popular, que por estreita mas nítida margem favorece o presidente – tudo o indica – reentrante. Bush foi plebiscitado, e o Congresso é-lhe agora mais dócil e ideologicamente fiel que antes. *America under threat, America at war*: o discurso do medo repetido à exaustão durante o primeiro mandato, propiciador das mais transviadas beligerâncias (Bin Laden continua a monte e a exhibir-se ao mundo três anos depois do 11 de Setembro), foi sancionado pelo voto popular. Nem Bush nem os seus lamentáveis mentores se esquecerão de lembrar esse acréscimo de legitimidade a todo o transe nos próximos quatro (oito?) anos.

Desenganem-se os que ainda pensam que ventos de bom senso e racionalidade, pelo menos em «política externa» – essa espécie em extinção –, estão inscritos nos astros, na realidade ingrata das coisas (o desastre iraquiano, a carnificina em Darfur, a Palestina emparedada...) e na hostilidade do mundo, e viam quase com indiferença a cor da Casa Branca. Vem aí um governo do país mais poderoso do mundo que contra a «superpotência Bin Laden» e seus satélites e os Estados proscritos não exclui nem o uso do nuclear nem o atropelo dos direitos mais elementares; um governo prepotente e poluente, que impõe ao mundo o seu direito, nos dois sentidos do termo, e numa única instância multilateral, a OMC, aceita ainda ser simultaneamente juiz e réu. Teremos um governo que retira os Estados Unidos, política e militarmente, da principal organização da segurança europeia, a Nato, e se dispõe mais do que até aqui a fazer dela e,

mais grave, das Nações Unidas um uso meramente utilitário. Para geral infelicidade, os eleitores americanos presentearam George W. Bush, no seu segundo mandato, com uma versão revista e aumentada da divisa «*Dieu est mon droit*».